

lapso

Número 18

Publicação do Instituto
de Psicanálise da Bahia

EDITORIAL

O lapso é manifestação de algo da ordem do desejo. Ele se faz canal de expressão encarnado no desencontro das palavras ou no silêncio das memórias, aquilo que quebra o fluxo do discurso, interjeita a situação, desajeita o sujeito. O lapso é subversivo por si.

Para a psicanálise, a autonomia do lapso não deve ser confundida com coincidência ou acidente casual e sim entendida como o dito negado, em palavras ou em ausência delas. Quando escrevo negado, refiro-me ao próprio limite imposto ao nosso dizer por ser concebido incongruente com o mundo, o mundo de um Outro falho. Mas mesmo assim o recalcado retorna, driblando as resistências, enigmático, criativo, que mostra o belo e o feio na verdade da existência.

Me contenta pensar que o lapso inspira a LAPSUS que além da similaridade da palavra, tem como objetivo transmitir, manter os canais da comunicação abertos, dando voz aos escritos daqueles que querem partilhar algo. Como um lapso buscamos fazer dizer, visamos um desconserto, não um "toque", mas uma "chamada" no leitor ao propor uma transmissão numa "pegada" mais dinâmica, sem nos desvalir, no entanto, da epistemologia psicanalítica. Nesta perspectiva, reforço aqui o convite aos colegas associados, interessados, a escrever e enviar suas produções para este periódico que alcança agora em 2015 sua edição N° 18.

Partindo do ponto de ancoragem de ser uma publicação dos associados do Instituto de Psicanálise da Bahia, A LAPSUS é expressão do trabalho feito pelos associados, atravessada pela criatividade à pena de cada autor e no desejo de cada integrante da equipe. Isso deixa marcas, pegadas, faz história que se desenha em etapas. O foco permuta, a equipe se transforma, a mudança aparece tanto quanto a permanência, sem com isso furtar-se a pensar, a cada hiato entre as edições, naquilo que a sustenta e onde é situada.

Este ano da revista se inicia juntamente a algumas mudanças na equipe, a saber, o até então consultor técnico, Bernardino Horne, que esteve na LAPSUS desde a ideia, agora se afasta um pouco da função dando o lugar a Iordan Gurgel, que muito esteve próximo e disponível para com nossa publicação. Motivos não faltam para sublinhar a importância de Bernardino Horne para revista, contribuições agora nostálgicas, mas inspiradoras, que apontam para uma sequência interessante tomada por Iordan Gurgel a quem damos calorosas boas vindas. Boas vindas ainda a Douglas Zoccoli e Priscylla Guedes, que agregaram suas energias em

Lapsus 18. Salvador. Maio 2015

nossa proposta e na realização dela, dando um novo gás e novas mãos à massa.

Em um movimento de contemplar expressamente os associados, subscrevemos na presente edição a relação com o nome de cada associado do instituto, corpo do qual provemos e berço dos trabalhos desenvolvidos. Nesta ocasião a LAPSUS apresenta o trabalho de Vanessa Serpa Leite, falando sobre a "Inter-disciplinaridade e política do CIEN", Júlia Jones com o texto "Psicanálise, felicidade e depressão" e os comentários de Iago Sampaio sobre a visita de Romildo Rêgo Barros a EBP. Além disso, a edição traz na Janela Cultural o espetáculo "Um pai" comentado por Wilker França e se encerra com o "Poema Preso" de Viviane Mosé.

Aproveite a leitura!

Iago Sampaio

SUMÁRIO

TEXTOS

Inter-disciplinaridade e política do CIEN.....p.05

Vanessa Serpa Leite

A Psicanálise, felicidade e depressão.....p.07

Júlia Jones

Comentários e reflexões sobre a visita de Romildo Rêgo Barros.....p.09

Iago Sampaio

Janela Cultural.....p.11

Wilker França

POESIA

Poema Preso.....p.12

Viviane Mosé

TEXTOS

Inter-disciplinaridade e política do CIEN

Vanessa Serpa Leite

A inter-disciplinaridade como princípio fundamental do CIEN, Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Infância, implica na formação do analista, uma vez que está associada a sua inserção nos diversos campos de saber. O hífen na palavra "inter-disciplinaridade" tem a função de marcar o lugar de vazio de saber entre as disciplinas que se ocupam da criança e do adolescente. Cabe ao "analísante esclarecido" a manutenção deste lugar de vazio pulsante, onde a partir deste, os sujeitos participantes de uma conversação, diante de um impasse, podem inventar suas próprias bússolas.

Relacionamos a política do CIEN à política lacaniana, à política de formação da Escola, conforme proposta por Lacan. No *Ato de Fundação* da EFP, Lacan constituiu uma "Seção de recenseamento do Campo Freudiano", a qual conta com três subseções: comentário contínuo do movimento psicanalítico; articulação com as ciências afins; e ética da psicanálise, que é a práxis de sua teoria. Nesta leitura, concluímos que é neste lugar que o CIEN se insere. Ao dizer "*Tão sozinho quanto sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica*", Lacan relaciona o momento de formação da Escola à sua solidão subjetiva. A leitura de "Teoria de Turim: sobre o sujeito escola" nos faz avançar com relação ao que Miller coloca sobre o paradoxo da Escola: "*A Escola é uma formação coletiva na qual se sabe a verdadeira natureza do coletivo. Não é uma coletividade sem Ideal, mas, uma coletividade que sabe o que é o Ideal, e o que é a solidão subjetiva*".

Quando realizamos uma conversação inter-disciplinar, estamos trabalhando de forma "coletiva", o trabalho se dirige para um equipe de profissionais que se organizam a partir de um ideal. Todavia, como a conversação visa tocar no singular de cada um, de alguma forma aponta para esta "solidão subjetiva" descrita por Lacan, porque cada um que participa em algum momento comparece com seu próprio desejo.

Relacionamos o que Laurent descreve como lugares do trauma e função do analista, em seu texto "O trauma ao avesso", ao trabalho que realizamos no CIEN e à idéia de "analísante esclarecido", proposta por Beatriz Udênio (2011). Segundo Laurent, há dois lugares do trauma. No primeiro, o trauma é um buraco no interior do simbólico, ponto de real que permanece exterior a uma representação simbólica. O segundo lugar do trauma considera que há simbólico no real, referindo-se ao que há de real na linguagem, a não relação sexual. Nesta perspectiva, o analista está no lugar do trauma, como um parceiro que traumatiza o discurso comum. O traumatismo convoca, então, o sujeito a inventar um caminho novo, re-inventar o Outro que não existe mais.

Nos laboratórios do CIEN, a função do "analísante esclarecido" se articula a este segundo lugar do trauma. Por ter avançado em sua análise pessoal, ele contribui para que a conversação aconteça sustentando o vazio pulsante como ferramenta, na proposta de restabelecer um laço social possível para os participantes. Assim como na Escola proposta por Lacan, no CIEN, o lugar do Ideal está posto, porém não sem sofrer efeitos daquele que traumatiza o discurso.

Cartel: Ana Martha-Maia (Mais-um), Wilker França, Fernanda Dumêt, Karla Maul, Paula Goulart, Vanessa Leite.

Referências:

LACAN, J. Ato de fundação. Outros escritos. Zahar: Rio de Janeiro. 2003.

LAURENT, É. Trauma ao avesso. Papéis de psicanálise - Revista da EBP-MG . Volume 1. Abril 2004.

MILLER, J-A. Teoria de Turim. Latusa - Revista da EBP-Rio. Nº6. 2001.

MAIA, AM. Permutação da Coordenação: Falando com seus participantes! CIEN Digital 16. Agosto 2014.

MAIA, AM; JUNQUEIRA, AC; GOMES, N."Num pedacinho azul de papel" - trauma e invenção. CIEN Digital 16. Agosto 2014.

UDENIO, B. A modo de orientación. Boletim 2 da 5a Jornada Internacional do CIEN. 2011.

A Psicanálise, felicidade e depressão **Júlia Jones**

Para Goethe, "nada é mais difícil de suportar que uma série de dias formosos".

Vinicius de Moraes canta: "tristeza não tem fim, felicidade sim."

Para a religião, a felicidade não é aqui, mas no paraíso.

Freud, em "o mal-estar da civilização", diz que há uma impossibilidade estrutural que impede o sujeito de ser feliz. Ele aborda a tristeza como sendo inerente ao ser humano, e como uma resposta frente ao mal-estar.

Se a felicidade aparece como algo impossível, por que ainda continuamos a desejar ser felizes?

A felicidade é um tema que os intelectuais sempre deixaram de lado. Nos EUA, nas revistas de psicologia especializada, houve 45 mil artigos sobre melancolia e depressão, e apenas 400 sobre alegria. A generalização da entidade "depressão" numa multiplicidade de afetos, assim como sua difusão maciça na nosografia e nos manuais psiquiátricos, interroga a clínica psicanalítica de muitas maneiras.

A política empreendida pela hipermodernidade é que só se é feliz na medida em que usufruo de todos os objetos que podem me dar prazer, e que venham a mim esses objetos cada vez mais e mais!

Através da publicidade que exerce influência decisiva sobre os gostos, a sensibilidade, a imaginação e os costumes, o capitalismo trabalha incessantemente para favorecer e corresponder a isso. No entanto, paradoxalmente isso não resulta em felicidade, já que o que não falta, hoje, no mundo, são tristeza e depressão - a doença da modernidade.

Nesse imperativo de felicidade a que o sujeito está submetido na contemporaneidade, as pessoas que se sentem tristes por qualquer contingência em suas vidas, por situações traumáticas, por dificuldades que estão atravessando ou por não poderem adquirir esses bens/objetos de consumo ofertados pela mídia, se sentem sem lugar nesse mundo. A obrigação de ser feliz entrou na vida de um sujeito como qualquer outro imperativo categórico da neurose.

O vazio intrínseco ao ser, para muitos insuportável, foi preenchido tanto com a religião quanto com o consumo ou mesmo com a droga. A indústria farmacêutica entra para

resolver isso com um papel através da “medicalização do sofrimento humano”, o que contribui para essa recusa ao afeto da tristeza que faz parte da subjetividade.

É uma forma de mascarar os sintomas e preservar o sujeito de se haver com eles. O afeto tristeza, ao não caber no imperativo da felicidade, traz impotência, aumentando o número de pacientes medicalizados, adoecidos, mais uma vez consumidores das drogas, que também entram na qualidade de objetos desejáveis para a obtenção da suposta “felicidade”. Aquele que consome, é consumido, virando assim, também, um sujeito de consumo, caindo no esquecimento de si mesmo.

Referências:

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. 1996. Rio de Janeiro: Imago.

MORAES, Vinícius. *A felicidade*.

**Comentários e reflexões
sobre a visita de Romildo Rêgo Barros.
Iago Sampaio**

No dia 12, no mês de setembro de 2014, Romildo Rêgo Barros veio à Bahia para falar de Neurose Obsessiva no curso de extensão da EBP. Sua conferência propõe a abordagem de questões relativas à neurose obsessiva e o avanço dos tempos, a transformação da cultura e as respectivas disposições sintomáticas que se apresentam na atualidade, sem perder de vista a direção apontada por Freud no seu tempo.

Em sua obra *Compulsões e obsessões*, uma neurose de futuro, publicada em 2012, Romildo evoca esse tema

provocando ricas reflexões, passeando paralelamente por alguns casos clínicos, como o do Homem dos Ratos, de Freud.

A leitura e a visita de Romildo tratam sobre o grande investimento em esconder-se do sujeito obsessivo. Nesse sentido um movimento muito curioso apontado por Romildo foi uma espécie de silogismo do obsessivo que se apresenta enquanto expressões, ou frases, enigmáticas, ao passo que há uma premissa presente e logo em seguida há uma conclusão um tanto disparatada, pois falta a segunda premissa, que daria sentido a operação, e encontra-se ausente, escondida, inconsciente. No livro vemos o exemplo disso no Homem dos Ratos, em que ele acredita piamente que "se eu casar com a dama... a meu pai ocorrerá algum infortúnio", percebe-se que há um desencontro entre os termos que resultam a conclusão.

Romildo coloca que entre a primeira e a terceira afirmação encontra-se algo que aponta para o desejo do sujeito, situado nesse segundo termo. Quando o sujeito alcança o então sentido proveniente do desejo, dissolve o sentido prévio. Portanto a análise, segundo Romildo, tem um compromisso com o sentido, ou seja, a análise precisa oferecer produção de saber para só depois alcançar sua radicalidade, ao ponto de inaugurar o não sentido, o litoral do saber. O que nos remete à importância do primeiro ensino de Lacan, suas primeiras orientações.

Romildo aborda ainda a associação livre e seu difícil trato no sujeito obsessivo, pois como já foi dito, o obsessivo é sagaz em se esconder. Atesta-se isso no exuberante desfile de objeto inerente à neurose obsessiva. Lacan escreve a fantasia obsessiva $A \langle \rangle \emptyset (a, a', a'', a'''' \dots)$, e logo nos chama atenção a sucessão de objetos. Esse movimento pelo qual o sujeito desliza de objeto em objeto -

todos eles com determinado brilho fálico, erótico imprescindível - permite ao sujeito não encarar a questão do seu desejo. Com isso Romildo ilustra aqui a própria impessoalidade do obsessivo, não assumindo seu desejo, ele ocupa o lugar do Outro, na esperança de que algo seja feito sem que seu desejo seja posto à mesa.

Curioso pensar que ao passo que o sujeito obsessivo se esconde, no desfile de significante, nos seus silogismos, no assumir o lugar de Outro, outorgando suas ações e isentando-se disso, a fantasia do obsessivo é, de fato, uma fantasia. No sentido de uma indumentária, um disfarce, uma customização que visa sempre esconder e ocultar seu desejo. Deixando por conta do seu avatar as peculiaridades de sua existência.

Referências:

BARROS, Romildo, R. *Compulsões e obsessões, uma neurose de futuro*, (2012).

Conferência de Romildo Rêgo Barros na EBP, Neurose obsessiva, o objeto na obsessão, em Salvador-Ba, dia 12 e 13 de setembro de 2014.

JANELA CULTURAL

Wilker França

O que faz um grande espetáculo, na minha opinião, é quando algo acontece em cena que transcende o dizível. E foi com essa sensação que saí da peça "Um pai" em cartaz no CCBB do Rio de Janeiro. A peça é inspirada no livro homônimo de Sibylle Lacan, filha do psicanalista Jacques Lacan, dirigida por Vera Holtz e Guilherme Leme Garcia.

Com uma interpretação de tirar o fôlego, Ana Beatriz Nogueira dá vida a cada palavra, a cada silêncio, a cada suspiro, fazendo o espectador sentir que está em uma

conversa com Sibylle. A peça não ocorre de forma linear ou cronológica, são reminiscências, peças de um quebra cabeça que vai sendo montado dessa filha caçula do primeiro casamento de Lacan. Ela tem dois irmãos, Caroline e Thibault, além da irmã gerada em outro relacionamento, Judith Miller. “Meu primeiro encontro com Judith me arrasou. Ela era tão amável, tão perfeita, e eu tão desajeitada, tão inábil. Ela era a sociabilidade, a descontração, eu, a camponesa do Danúbio...”. Na fala de Sibylle, a Judith aparece sempre como a escolhida pelo pai, enquanto ela fica sempre no lugar da preterida.

E é como preterida que escreve sobre a ausência e os silêncios do seu pai. A peça é sobre Lacan? Não. “Quando eu nasci, meu pai não estava mais conosco. Até poderia dizer que, quando fui concebida, ele já estava em outro lugar (...). Sou o fruto do desespero. Alguns dirão que sou fruto do desejo, mas não creio nisso.” - anuncia já no início do texto.

Aos poucos o quebra-cabeça vai sendo montado e deixa claro que a peça é sobre um sujeito e sua demanda de amor. Vamos ficar atentos para as datas e locais do espetáculo e torcer para que ele venha à Salvador.

POESIA

Poema Preso Viviane Mosé

A maioria das doenças que as pessoas têm são poemas presos.
Abscessos, tumores, nódulos, pedras...

São palavras calcificadas, poemas sem vazão.

Mesmo cravos pretos, espinhas, cabelo encravado, prisão de ventre...

Poderiam um dia ter sido poema, mas não...

Lapsus 18. Salvador. Maio 2015

Pessoas adoecem da razão, de gostar de palavra presa.
Palavra boa é palavra líquida, escorrendo em estado de
lágrima.
Lágrima é dor derretida, dor endurecida é tumor.
Lágrima é raiva derretida, raiva endurecida é tumor.
Lágrima é alegria derretida, alegria endurecida é tumor.
Lágrima é pessoa derretida, pessoa endurecida é tumor.
Tempo endurecido é tumor, tempo derretido é poema.
E você pode arrancar os poemas endurecidos do seu corpo
Com buchas vegetais, óleos medicinais, com a ponta dos
dedos, com as unhas.
Você pode arrancar poema com alicate de cutícula, com
pente, com uma agulha
com pomada de basilicão, com massagem, hidratação.
Mas não use bisturi quase nunca,
em caso de poemas difíceis use a dança.
A dança é uma forma de amolecer os poemas endurecidos do
corpo.
Uma forma de soltá-los das dobras, dos dedos dos pés, das
unhas.
São os poemas-cóccix, os poemas-peito, os poemas-olho,
Os poemas-sexo, os poemas-cílio..
Atualmente, ando gostando de pensamento chão.
Pensamento-chão é poema que nasce do pé.
É poema de pé no chão.
É poema de gente normal, de gente simples,
Gente de Espírito Santo.
Eu venho de Espírito Santo.
Eu sou do Espírito Santo, eu trago a Vitória do Espírito
Santo.
Santo é um espírito capaz de operar o milagre sobre si
mesmo.

SUBMISSÃO DE TRABALHOS

Convidamos os participantes do IPB a compartilhar com LAPSUS suas ideias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail lapsusipb@gmail.com

LAPSUS ONLINE

A Lapsus também pode ser lida, ampliada, consultada e compartilhada em meio virtual. Contamos com toda a nossa história no site

<http://institutopsicanalisebahia.com.br/lapsus>

Visitem-nos!

ESPECIFICAÇÕES

- O texto deverá vir com título e nome do autor em tamanho 14, fonte Cambria (títulos), devidamente corrigido e revisado. 21
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte Courier New, tamanho 12 e o espaçamento antes 6pt, depois 0pt, entre linhas 1,5.
- Informamos que os trabalhos com vinhetas ou casos clínicos serão analisados criteriosamente pela equipe Lapsus antes da publicação.

EXPEDIENTE

Equipe Lapsus: Anderson Viana, Daniela Araujo, Douglas Zoccoli, Ethel Poll, Iago Sampaio, Júlia Solano, Paula Goulart, Priscylla Guedes, Rogério Barros, e Wilker França

Consultor: Iordan Gurgel

Contato: lapsusipb@gmail.com

RELAÇÃO DOS ASSOCIADOS DO IPB

Lapsus 18. Salvador. Maio 2015

- 1 Anderson C. Veloso Viana
- 2 Carla Oliveira Fernandes
- 3 Claudio Melo
- 4 Daniela Nunes Araujo
- 5 Daricélia Brito
- 6 Elia Cardoso
- 7 Ethel Poll
- 8 Eva Pereira
- 9 Fabíola Araújo
- 10 Fernanda Dumet
- 11 Francisco de M Araujo Abreu
- 12 Iraci Lopes
- 13 Jaciane Santos Rangel
- 14 Julia Jones
- 15 Julia Solano
- 16 Jussara Guerra
- 17 Laiz Rodrigues
- 18 Liliane Sales
- 19 Luis Felipe Monteiro
- 20 Luiz Mena
- 21 Luiza Sarno
- 22 Marcelo Braz de Almeida
- 23 Marcelo Magnelli
- 24 Maria Cristina Goulart
- 25 Marluce Carvalhal de Oliveira
- 26 Paula Goulard
- 27 Paula Rubia Alves
- 28 Paulo Fernando Dantas
- 29 Ricardo Cruz
- 30 Rogério Barros
- 31 Seung Hae Shin
- 32 Silvana Bartilotti
- 33 Tania Porto
- 34 Vanessa Farias
- 35 Vanessa Serpa Leite
- 36 Virginia Teles
- 37 Wilker de França